



03 e 04 de setembro de 2024



Água-casa-terra: a dimensão espacial-relacional das palafitas em Manaus-AM

Matheus Vieira Areb¹

Márcia Regina Calderipe Farias Rufino²

Resumo:

As palafitas urbanas em Manaus são um produto social fruto de processos históricos, culturais, econômicos e sociais, são espaços que se localizam entre dois domínios, rio-cidade, são marcados pela precariedade, pois se localizam em áreas úmidas. A partir das palafitas no bairro de Educandos é possível entender que estes espaços possuem especificidades através de um movimento espacial-relacional água-terra, relacionado ao mundo do trabalho, a força das águas e as relações socioespaciais que se dão nos espaços entre as casas. Os resultados apontam para uma geografia própria onde se criam espacialidades singulares acompanhadas das dificuldades materiais e o impacto sobre os corpos de uma moradia em área úmida.

Palavras chave: Habitação; Precariedade; Crise urbana; Fragmentação Socioespacial.

Water-home-land: the spatial-relational dimension of stilt houses in Manaus-AM

Abstract:

The urban stilt houses in Manaus are a social product resulting from historical, cultural, economic and social processes. They are spaces that are located between two domains, river-city, and are marked by precariousness, as they are located in humid areas. From the stilt houses in the Educandos neighborhood, it is possible to understand that these spaces have specificities through a spatial-relational water-land movement, related to the world of work, the force of the water and the socio-spatial relations that take place in the spaces between the houses. The results point to a geography of its own where unique spatialities

¹ Doutorando em Geografia na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Membro do Núcleo de Pesquisas Urbana e Regional (NPUR). Email: matheusvareb@gmail.com

² Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora no Departamento de Antropologia e na Pós-Graduação em Antropologia Social na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Email: marciacalderipe@gmail.com



Amazonas: o agrário, o político e o urbano na contemporaneidade



Universidade Federal do
Amazonas

Departamento de
Geografia

Laboratório de Geografia
Humana

03 e 04 de setembro de 2024



are created, accompanied by material difficulties and the impact on bodies of living in wetlands.

Key words: Housing; Precarity; Urban crisis; Socio-spatial fragmentation.

Introdução

As questões que tocam o problema brasileiro sobre as experiências da moradia, como o rentismo, a questão imobiliária, a produção de condomínios fechados ou a precarização da vida dos grupos pauperizados expressões de uma mesma lógica: terra-casa como mercadoria no âmbito da sociedade capitalista. Esses diferentes processos representam um dialético quadro das cidades contemporâneas homogêneas-heterogêneas, ou seja, iguais na reprodução de uma mesma lógica urbana que reparte a terra em pedaços e a comercializa, mas que ao mesmo tempo o contexto dessa venda se dá sobre uma cidade em crise, um campo de desigualdades, lutas e reivindicações. Para apreensão detalhada desse fenômeno é necessário observar a escala do cotidiano e o ritmo de vida dos sujeitos em suas trajetórias urbanas no desafio pelo habitar e pelo direito à cidade. Ressalta-se que as moradias palafíticas são também comuns na espacialidade rural ribeirinha.

Nossa discussão parte do pressuposto da singularidade amazônica, mais especificamente daqueles grupos incluídos precariamente na cidade e suas formas de habitar. No campo teórico, essa discussão se dá no âmbito da “luta pela terra”, mais precisamente em algumas capitais como Manaus (AM) e Belém (PA), a luta pela terra se desdobra de “ocupação da terra” para “ocupação das águas”, este é o caso das palafitas, construções habitacionais de madeira sobre estacas alocadas nas margens da terra firme sobre os canais fluviais que cortam as cidades.

Nossa proposta é uma reflexão teórico-empírica dos estudos relacionados à compreensão das experiências espaciais dos moradores que habitam em áreas úmidas nas casas-palafitas em Manaus, com enfoque no caso do bairro de Educandos na zona sul da capital onde foi realizada uma etnografia entre os anos de 2021-2022 e observações em campo com entrevistas informais em 2023. Esses espaços possuem uma especificidade pela sua localização entre terra-água. Defendemos a ideia de que dicotomias se desfazem



Amazonas: o agrário, o político e o urbano na contemporaneidade



Universidade Federal do
Amazonas

Departamento de
Geografia

Laboratório de Geografia
Humana

03 e 04 de setembro de 2024



em um espaço caracterizado por uma tríade relacional terra-casa-água. Para se tornarem inteligíveis, esses espaços necessitam ser abordado por um movimento analítico a partir escala dos processos mais gerais da reprodução da desigualdade e da crise urbana até ao cotidiano revelando que há uma geografia própria das palafitas (AREB, 2023a).

A geografia relacional das palafitas

As palafitas de Manaus são um fenômeno social. Essa afirmação nos resguarda de qualquer interpretação determinista a partir de uma relação causa-efeito com a característica aquática da região, na verdade, as palafitas são uma adaptação cultural, social e econômica e só podem ser compreendidas com uma abordagem que as submete ao contexto da cidade onde se localizam. As palafitas urbanas de Manaus são um produto social, surgiram no “final do século XIX e ou início do século XX” (VALLE, 1999 *apud* BARBOSA, 2017, p. 62) e sua reprodução mais intensa está ligada a dois períodos econômicos da cidade: fim do ciclo da borracha (1912) e a criação do Polo Industrial de Manaus (1967). Ambos os acontecimentos têm no fluxo migratório a questão da necessidade da habitação e as palafitas como solução precária para habitar em áreas próximas ao centro econômico da cidade, o que aponta que o estabelecimento da moradia deve ser pensando de forma integrada considerando os conteúdos urbanos.

Pensar as palafitas da cidade de modo crítico e amplo como um problema urbano é trabalhar a natureza da questão. Por vezes, as palafitas são tratadas como um quadro estático, uma paisagem naturalizada. O termo “palafitarização”, mencionado primeiro no trabalho de Oliveira (2016) mostra a passagem de moradores rurais para habitação de palafitas em áreas urbanas. O termo “palafitarização” é um neologismo para pensar as palafitas não apenas como um quadro estático, “a casa de palafita”, mas como um *processo*, mostrando que habitar em palafitas é uma condição, ou seja, tem variáveis que pesam em uma anterioridade contextual. Isso nos leva a encarar o problema urbano habitacional refletindo na reprodução da cidade em pensar nas causas da reprodução de casas em áreas úmidas na cidade.

O quadro atual das palafitas em Manaus revela sujeitos em condição de precariedade habitacional que vivem na expectativa dos programas habitacionais do



Amazonas: o agrário, o político e o urbano na contemporaneidade



Universidade Federal do
Amazonas

Departamento de
Geografia

Laboratório de Geografia
Humana

03 e 04 de setembro de 2024



Estado. A vida nesses espaços passou por uma adaptação a um contexto cheio de tensões frente à agência das águas na casa, no cotidiano e nos corpos dos moradores. Em atenção à fala dos sujeitos é possível compreender uma vida relacional tanto com as águas como para a cidade (terra firme) que se dá pela sua localização característica de “fronteira” entre dois domínios, ou seja, localizada nas margens da cidade (Figura 1), uma ideia colocada por Pereira, Silva e Barros (2011, p. 37) que definem as palafitas como “região limítrofe entre o rio e a cidade”. As experiências desses habitantes revelam que muitos moradores trabalham nos rios, tem os barcos como meio de trabalho seja como transporte ou na pesca, ao mesmo tempo muitos trabalham em terra firme ao longo da cidade. Esse fato é o primeiro pressuposto para pensarmos as palafitas como parte da cidade e não como uma “patologia” (PARISSE, 1969, p. 16 *apud* KOWARICK, 1979, p. 93) visto que esse estigma reduz as palafitas a algo “externo” ou um produto da “desordem”, ao contrário, sua existência é justamente fruto de uma lógica que cria uma morfologia desigual que decorre de uma condição social “[...] espelhando ao nível do espaço a segregação imperante no âmbito das relações econômicas” (KOWARICK, 1979, p. 30), ou seja, um espaço desigual igualmente constituidor da forma urbana total.



Figura 1: Casas de palafitas entre o rio e a cidade no bairro de Educandos em Manaus-AM. Fonte: Matheus Areb, 2022.



Amazonas: o agrário, o político e o urbano na contemporaneidade



Universidade Federal do
Amazonas

Departamento de
Geografia

Laboratório de Geografia
Humana

03 e 04 de setembro de 2024



Essa conexão rio-cidade também está na experiência nas próprias casas. Por esses grupos estarem em condição de vulnerabilidade social como uma condição urbana desigual sofrem em espaços precários que não interessa ao mercado imobiliário, como as margens de igarapés. São inúmeros os desafios em habitar nesses espaços. Como na época da cheia, as águas dos igarapés sobem sazonalmente e entram em algumas casas redefinindo todo o cotidiano dos moradores, posturas corporais e cuidados necessários, por exemplo, com as crianças e adultos escorregarem e caírem nas águas. Existem cuidados com relação a aquilo que vem junto com as águas como as situações em que o lixo entra nas casas além da força das águas na época das chuvas e o banheiro que bate com força nas casas de madeira e os animais peçonhentos. Passado a cheia, a época é de constantes reparos. Na época da vazante, outros problemas aparecem como o odor fétido pela concentração de poluentes na água baixando junto à lama, problema observado também em outras áreas de palafitas na cidade de Manaus (CALDERIPE, 2017; IRIBARREM e CALDERIPE, 2021). Embaixo das casas, alguns aproveitam para limpar a área de terra, criar animais, além disso, crianças, jovens e adolescentes têm seu lazer tanto nas águas do igarapé na cheia como nos espaços secos do rio na vazante (AREB, 2023b) e outros transitam por esses espaços. Essas expressões sociais e espaciais revelam uma “temporalização da vida” que “envolve o regime das águas, o qual leva a uma temporalidade das atitudes, adaptadas entre cheia e vazante” (AREB, 2023a, p. 199). A dimensão relacional se assenta nesse movimento entre água-casa-terra, através de uma multiplicidade de implicações que é habitar em áreas que inundam acionando dispositivos e estratégias frente às dificuldades impostas por esse meio.

O espaço das palafitas: rio-casa-beco-cidade

As palafitas estão para as águas tanto quanto estão para a cidade. De fato o sofrimento, a espera e as expectativas marcam esses espaços alagáveis. As palafitas podem ser espaços ventilados, lugares da contemplação para quem tem suas janelas e “varandas” viradas para as águas do igarapé e expressar uma “tranquilidade” que se confunde aos episódios de terror quando nas tempestades e na cheia severa. A dialética



Amazonas: o agrário, o político e o urbano na contemporaneidade



Universidade Federal do
Amazonas

Departamento de
Geografia

Laboratório de Geografia
Humana

03 e 04 de setembro de 2024



dessa relação espacial está em entender os sujeitos em sua complexidade e percepção, entendendo que suas experiências são permeadas pelo atravessamento de inúmeras sensações.

É necessário olhar as palafitas não apenas como uma mancha urbana ou uma “anomalia” para não incorrer o risco de reificar os sujeitos desses espaços com uma solução açodada que desconsidere seu mundo social-simbólico já constituído. Nos relatos dos moradores de Educandos muitos mostram o desejo em se mudar das palafitas para uma casa em terra firme na rua “de cima” do mesmo bairro. Suas relações de sociabilidade, vizinhança, trabalho, consumo, religiosidade e lazer se desenvolvem pelo bairro de Educandos, sejam nas igrejas/templos próximos, nas feiras do bairro ou na proximidade com o bairro Centro. Por entre as palafitas, a casa também se estende para o beco, pois na falta de espaço como quintais, o beco é o local de sentar pra conversar, tomar um café, assar churrasco no final de semana, comemorar, fazer refeições etc., faz com que o espaço de passagem ganhe outro significado dinamizando as fronteiras entre casa-beco que não aparecem como oposições tão rígidas, em semelhança ao pensamento de DaMatta (1997, p. 39), quando afirma que “rua e casa se reproduzem mutuamente” no Brasil. Neste caso, no contexto das palafitas manauaras no Educandos e em outras palafitas na cidade (CALDERIPE, 2017, p. 216), casa-beco é uma relação dinâmica com fronteiras muito tênues.

Considerações finais

Essas casas não apenas se localizam na margem geográfica do encontro da cidade com o rio, mas também na margem social de sua condição urbana, pois figuram como “esquecidos”, empurrados para as margens frente a um modelo de aquisição da moradia que inclui os grupos mais pauperizados para as áreas de maior risco e menos valorizadas no mercado. Esse quadro quando analisado pela perspectiva da totalidade nos mostra uma cidade intensamente fragmentada com grupos sociais que vivem e experimentam a cidade de forma diferente, entre aqueles que vivem em condomínios, áreas dotadas de serviços,



Amazonas: o agrário, o político e o urbano na contemporaneidade



Universidade Federal do
Amazonas

Departamento de
Geografia

Laboratório de Geografia
Humana

03 e 04 de setembro de 2024



equipamentos públicos, acesso à saúde, segurança e lazer e aqueles que sobrevivem na cidade em uma condição precária mas mesmo assim criam estratégias relacionais com a cidade mesmo que muito difíceis de se realizarem plenamente através da cidadania democrática clássica.

Referências

AREB, M. V. **A cidade e as águas enquanto dimensão simbólica entre os habitantes do Igarapé de Educandos** - Manaus/AM. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2022. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/8990>>. Acesso em: 10 abr. 2024.

AREB, M. V. Geografia(s) da(s) palafita(s): espacialidades, precariedade habitacional e o habitar entre palafitas urbanas em Manaus (AM). **Ensaio de Geografia**, v. 10, n. 22, p. 175-206, 20 dez. 2023a. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ensaio_posgeo/article/view/58573>. Acesso em: 10 abr. 2024.

AREB, M. V. Juventudes em Manaus (AM): práticas espaciais entre as palafitas e nas ocupações de terra. In: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; PIMENTA, Melissa de Matos. (Org.). **Juventudes e Territórios**. 1ed. Porto Alegre, RS.: GEPUVE, 2023b, v. , p. 129-144. Disponível em: <<https://publicacoes.even3.com.br/book/juventudes-e-territorios-1986815>>. Acesso em: 27 abr. 2024.

CALDERIPE, M. R. F. A água só falta falar: memória, patrimônio ambiental e transformações na ocupação de áreas úmidas na cidade de Manaus, AM. In: MONTARDO, D. L. O; CALDERIPE, M. R. F. (Orgs.). **Saberes e ciência plural: diálogos e interculturalidade em Antropologia**. – Florianópolis : Editora da UFSC, 2017.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5.ed. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1997.

IRIBARREM, C. G.; CALDERIPE, M. R. F. R. **Percursos, imagens e sentidos: etnografando os modelos insurgentes de habitar a cidade em Manaus**. 32° RBA, 2020. Disponível em: <<https://www.32rba.abant.org.br/downloadpublic>>. Acesso em 20 out. 2021.

KOWARICK, L. **A espoliação urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

OLIVEIRA, M. M. C. de. **O processo de socialização na questão da habitação: o residencial Rio Anil Camboa**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), UFMA, 2016.



Amazonas: o agrário, o político e o urbano na contemporaneidade



Universidade Federal do
Amazonas

Departamento de
Geografia

Laboratório de Geografia
Humana

03 e 04 de setembro de 2024



Disponível em: <<https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/1545?mode=full>>. Acesso em: 24 abr. 2024.

PEREIRA, M. F; SILVA, M. A. dos S; BARROS, T. D. Palafitas de Manaus: relações entre natureza e cultura no espaço da cidade. **Somanlu – Revista De estudos amazônicos**, v. 11 n. 2, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/somanlu/article/view/520>>. Acesso em: 11 jan. 2022.

Agradecimentos

Agradecimentos cordiais a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pelo financiamento de bolsa no âmbito de pesquisa em Pós-graduação.

doi 10.29327/amazonas-o-agrario-o-politico-e-o-urbano-na-contemporaneidade-467757.903284

ISBN 978-65-272-0652-1